



Sr. Joaquim dos Santos Neto

ENTREVISTA E008 — ANTIGO MANDADOR E MEMÓRIA VIVA DO REISADO

Entrevistado(a): Sr. Joaquim dos Santos Neto

Função no Reisado: Antigo mandador de boi; conhecedor da tradição e das promessas de Reisado

Idade: 86 anos

Comunidade/localidade: Comunidade Barroquinha, Boa Hora – PI

Data da entrevista: 19/04/2026

Local da entrevista: Comunidade Barroquinha, Boa Hora – PI

Entrevistador: Lenildo Martins Lustosa Pereira

Forma de registro: áudio e vídeo.

Duração: 1 hora e 12 minutos

Situação da transcrição: transcrição bruta

Observação breve: A entrevista aborda a trajetória de Sr. Joaquim no Reisado, especialmente sua experiência como mandador, suas memórias sobre os Reisados antigos, as promessas, as caminhadas a pé, a organização comunitária e as mudanças percebidas na tradição ao longo do tempo.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Lenildo - Gente, a gente está aqui com o Sr. Joaquim dos Santos, morador aqui da comunidade Barroquinha. Vamos aqui falar com ele um pouco de reisado, é para um trabalho da universidade que a gente está construindo devido a fazer um mestrado na Universidade Estadual do Piauí, e ele é uma das memórias mais vivas que nós temos no nosso município e ele vai bater um papo com a gente, conversando muito sobre a sua experiência, sobre o seu contato com o reisado. Ele já começou aqui já contando algumas coisas que eu já achei muito interessante e nós vamos continuar. Sr. Joaquim, eu queria conversar com o senhor sobre a história de vida e sua experiência com o reisado, porque a memória do senhor é muito importante para compreender essa tradição da nossa boa hora. O senhor pode me contar quem é o senhor e como começou a sua história com o risado?

Sr. Joaquim dos Santos - Pois é o seguinte, o que aconteceu, porque o reisado é uma tradição antiga aqui no nosso território, então quando eu fiquei entendido, eu gostava de reisado, porque não é como hoje, na época tinha só três mandadores de boi, só três, era um na Boa Hora, por nome de Roberto Lopes e um bem aqui na Barroquinha, conhecido por Luiz Severa e outro na Barra do Brejo, que era o Raimundo Gênero. O Raimundo Gênero, o Luiz Severo e o Roberto Lopes me comprimissavam, aí se eu ia tirar um reisado, eu tinha que falar com eles, meu colega não comprimisasse com ninguém, deixe uma vaga para mim, não era desse jeito que é hoje não, era assim uma coisa mais moderna, toda a vida teve, e eu me criei aqui e meus pais, meu avô morava aqui pertinho e todo reisado tinha que vir na casa dele, não isso aí, se pintava na redondeza tinha que passar lá, por quê? Porque o velho gostava bastante e tinha prazer, aí se via com muito gosto, dava assistência, dava uma janta,



dava um café, isso o povo já sabia, porque era um ponto de garantido, e eu fiquei nessas atividades, eu não trabalhava com reisado, não, mas veio um reisado trabalhar ali perto, o vizinho, o cidadão era Cícero Gomes, estava na casa do reisado, e eu via zoadá daqui, aí não me importei com ninguém, tirei na carreira pra lá, eu vou já reparar o reisado e os trabalhos dos homens, aí toquei pra lá, quando eu cheguei lá, na casa do cidadão, fiquei por ali, na entrada assim, a porta aqui, eu me encostei pra cá, aí um cabra sai de lá pra cá, olhou pra mim assim, falou, eu estou olhando, disse: “rapaz, é pra você ajudar a mandar o boi aqui nessa casa”, eu disse: “não, você é doido, se eu vou entrar num caminho que eu nunca andei, rapaz, tu não tem rumo”, “não, você hoje tem que mandar, e você não vai ficar só não, eu fico bem encostadinho, se você falhar em algum caminho, eu tô aqui pra responder”, “não, Deus o livre”, aí eu fiquei lá na ponta da corda, por longe, e quando chegou a hora, os caretas sapatearam e cantaram os problemas deles lá, aí lá veio o caboclo de novo: “vambora, senhor”, “rapaz mas tu tá nojento”, aí nessa hora deu vontade de eu ir, eu acompanhei ele, cheguei lá o cabra já estava de baixo do boi, disse, pronto, que tá na hora, aí eu comecei levando o boi lá pra porta do homem, e deu certo, aí ele disse, durante eu falando com o boi, ele dizendo: “eu não disse que dava certo, eu não disse”, eu disse: “rapaz, larga de agonia”. Aí tiramos lá, aí dessa vez se espalhou o comentário, aí eu não parei mais de trabalhar, eu passei 40 anos, todos os anos, eu ia chamado pra Cabeceira, pra aquele lado de lá, uma vez fui trabalhar em Jose de Freitas, um reisado lá, o cabra me chamou: “você vai?”, eu disse: “rapaz, eu não sei, vai depender de você”, “pois eu quero que você vá”, aí tratei com ele, aí ele disse: “você vai, eu lhe pago a R\$10,00 a noite”, R\$10,00 era muito dinheiro, era como R\$100,00 conto hoje, ou R\$200,00. Aí eu disse: “rapaz, isso aqui tá certo, eu vou”. No dia seguinte do trato, eu fui manter o trato, trabalhei no reisado lá, era os seis dias de serviço, o cabra me pagou R\$60,00, R\$60,00 era muito dinheiro, não era como hoje não, aí terminou a conquista do homem lá, eu vim embora e fiquei aqui, e aí não deu mais um tempo pra eu parar, todos os anos eu tinha que ir, todos os anos, isso de 47 pra cá, 47, eu trabalhei uns 40 anos, aí eu tinha que ir parar, aí ficou mais elevado, mais componente pra trabalho, reisado, nesse tempo os componentes eram excluídos, e eu lhe digo mais outra, não tinha contrato, eu ia trabalhar no reisado ou que não fosse eu, ou que fosse outro, mas não era contratado, trabalhava e andava às noites, no dia da festa, reis, o dono do reisado reunia o povo, e às vezes tinha festa de tocado de dança, tocador reginha, mas não tinha justo, o cabra ia sem justo, naquele tempo era do outro jeito, a produção era grande, de arroz, farinha, galinha, leitoa, e no dia da festa de reis, matavam muita e sobrava, aí no dia final, que terminou a festa, aí no outro dia o cabra vinha, fazia a reunião, o mandador, o dançador, o tocador, os caretas, e o homem puxava as coisas pra fora, partia tudinho, cada qual com a vazia, e botava, e quando terminava o apuro daquela caminhada que o boi fazia no dia da morte, eles tinham o mensal, eles compraram, e aí ia matar o boi, não tinha pagamento, tinha um padrinho de boi, mas na hora que laçava o boi, trazia na corda, se encostava bem, que no botequinzeiro, que no botequinzeiro estava aí com uns caixões, danados de vinho, caixões de madeira, aí só destampando o litro de vinho e entregava o vinho, aí era o pagamento que tinha de morte do boi, não era como é hoje, hoje eles tiram a sorte, nessa época não tinha sorte não, era assim, aí evoluiu mais, ficou mais evoluído, mais comentário, mais badalado, aí começou a crescer, daí pra frente começou a crescer, está nessas alturas, mas a promessa de reis, você veja bem, ela é como uma romaria que você faz pra quem der, faz vazeiro, pra mãe aparecida, é uma romaria, por que você vai fazer essa romaria? Porque você fez uma prece e deu certo, você pediu, veio a sua mão, então eu vou numa romaria, mas eu não vou luxar, é como eu vou no trabalho, se der pra eu





ir de carro, eu vou, se der pra eu ir de pé, eu vou, lá onde eu me arrancar, se tiver onde eu dormi, eu durmo, se não tiver, eu durmo no chão, e quando amanhecer a hora, eu sigo minha viagem pra frente, exatamente, é a penitência chamada da graça que vocês receberam, do reisado. Aliás, de cara que é a imagem, não é só do reisado, então, mas hoje não, o povo evoluiu, não tem mais essa história, e hoje, quem trabalha no reisado quer luxar, num quer ir de pé, ora, meu amigo, eu saía daqui pra trabalhar em Cabeceira, meu senhor, o reisado, o ensaio do boi era amanhã, eu saía hoje de tarde. Nós ia com a turma, o trabalhador ia com os caretas, eu, como mandador, esse menino, meu irmão era o tocador, nós ia a pés, a Cabeceira, lá o lugar por nome Baixa Funda, que é na frente ali, e nós ia, trabalhava lá, nós ia ensaiar o boi lá na casa que o véi, esse véi meu tio, que tirava a reisado lá, o Raimundo dos Santos, tinha uns cunhado dele que morava lá, aí ele levava nós, nós passava a noite todinha trabalhando, primeira noite, aí ele dizia: “rapaz, nós vamos trabalhar mais uma”, dá pra uma, as casas lá a gente já sabe que tem, aí nós ficava na outra noite, aí quando nós chegava bem cedo, só fazia, tomava uma xícara de café e ia arregaçar, tava tudo tirado de lá pra cá, aí vinha, quando chegava aqui, saía de lá bem cedo, chegava aqui duas horas da tarde, três horas, e quando chegasse era pra nós começar a trabalhar aqui.

Lenildo - Era quase na hora de começar de novo.

Sr. Joaquim dos Santos - Meu amigo, era quase na hora de começar, não tinha como dormir, hoje não, hoje não é mais assim, hoje é mais civilizado, tem posição, tem preço alto, porque você veja bem, se fosse um povo que tivesse coração, ninguém vai se incompreensiar por folia, é uma coisa séria, e aí um parceiro que, se no meu caso, você vem fazer uma entrevista, mas eu não sei o quê, aí eu fico botando matos abaixo lá por fora, sem me representar, não, não tá certo, não tá certo não, o que é de certo, a gente tem que ver, se o cabra vai pagar uma promessa dele e eu sou um trabalhador, eu tenho como ajudar ele, ajudar com uma, de qualquer maneira, no trabalho, no preço, na caminhada, na organização, isso que é o contato especialista para o Reisado. Mas hoje não é mais assim, mas ela continua, continua. O vei, meu avô, que era mais da outra época, nós perguntávamos: “como foi que começou o Reisado?” disse: “não, o Reisado é criado por um milagre, esse milagre, quem a recebeu foi aqueles três parceiros que estão ali na praça, não tem os três parceiros, foi aqueles ali que receberam, o anúncio que Jesus Cristo Salvador ia nascer e as autoridades não queriam que ele se criasse, era para encarcerar, e ele é santo, se gerou santo e continua santo e continua dono do mundo, que pelejaram para matar e não puderam, mataram assim, depois dele arrefeito, aconteceu, mas voltou de volta, meu amigo, e ele está vivo, ele está sabendo que nós estamos tendo essa entrevista, ele sabe, com certeza. E então é na época que foi anunciado, que começou o primeiro sentido, Jesus ia nascer, o Salvador, e naquele tempo não tinha, quem é o dono de setor é que eram os mandantes, eram os grandes, se no caso aqui tinha um homem que tinha recurso, essa região aqui toda era dele, ele que mandava, botava gente, tirava vento, fazia o que ele entendia, e depois de Jesus, quando Jesus chegou, eles queriam que continuasse, Jesus veio para mudar, como exatamente mudou, e nós estamos conversando aqui, e você pode acreditar como está essa luz clariana para nós, esse homem existe, e é forte, e não tem ninguém igual a ele, e ele é um filho único, nasceu só ele, sem irmãos, sem ninguém, e continua do mesmo sentido que nasceu, e ainda hoje está vivo, e protegendo quem tem fé, se você tem fé, você não se perde, não, não se perde. Se você, você vai chegar num lugar que você não conhece lá, não sei o que, você vai fazer essa caminhada, aí dê para mim um





pouco, depois você não sabe, não estou sabendo como é que eu vou reagir a essa minha caminhada, você se acalma, esfria a cabeça, se aquieta, e quando você tornar, aí você já vai seguir direitinho, sem nenhum erro. Isso já aconteceu comigo uma vez, eu saí daqui, uma caminhada, aí eu fui, uma viagem para a Banda das Matas, eu levava um buriti para vender, lá nós esbarramos, quando nós esbarramos de vender, que acabou o buriti, ele disse, rapaz, nós disse de tarde, sim, por uma hora dessas: “nós vamos se acalmar, para nós irmos só amanhã bem cedo”. E um parceiro que andava mais eu, eu era solteiro ainda, aí ele disse: “ora, ali tem uma mulherzinha que eu pedi a casa dela para nós passar a noite, para nós sair bem cedo, e ela deu”. E pronto, aí nós fomos para a casa lá, nesse tempo eu era novo, drumidor, a mulher deu a casa para nós, era um salãozão grande, duas redes acampalhadas do meu companheiro e a minha para cá, quando deu, meu senhor, 12 horas, o cabra estava me chamando: “Joaquim!”. E eu, nesse tempo, eu era drumidor, não era como hoje não, demorou, e ele só batendo na rede, e eu: “que é menino?”, e ele: “rapaz, vamos se embora”. “Porque?”. “A a mulher quer roubar nós, ela já veio aqui, de ponta de pé, encostou aqui”, sabendo que nós vendemos o buriti, aí ele disse: “que agora nós vamos se ir embora, nós vamos ficar aqui não”. Eu disse: “rapaz, mas nós não acerta com o caminho aqui, não!”. “Acerta”. “Que é ruim de não acertar, que eu não conheço nada aqui”. Ó, senhor, nós caminhamos, mais ou menos, um daqui, naquele portão ali, aí pronto, acabou o caminho para nós, e não tinha solução nenhuma, aí ele disse: “rapaz, agora deu, eu estou sem sentido aqui do caminho, e eu não conheço aqui, o que nós vamos fazer?”. “Não, vamos se acalmar, tira ao jacás do jumento, bota abaixo, nós amarramos eles aí, e nós se deitamos por aqui mesmo, até o dia clarear”, eu disse: “é melhor, porque nós vamos meter os pés e ficar mais complicado, é melhor nós se acalmar”. Nós se acalmamos, olha, meu amigo, nós dormimos nas esteiras do jumento, nas cangaias, no chão, se deitamos, e agarramos no sono, quando nós acordamos, o dia estava quase todo claro, aí ele disse: “rapaz, vamos embora, menino”. Aí nós viemos, botamos as cangaias no jumento, botamos o jacar em cima, e caminhamos, o caminho que era nosso, era com ir nesse portão bem ali. Eu disse: “rapaz, eu não te disse, é, num lugar que a gente não conhece, é complicado”. Então, essas são as coisas que eu acabo de dizer para vocês, que a Reisada é uma penitência, ela não é benfeitoria de engrandecer ninguém, não, engrandecer é assim, se você sabe no trabalho, continue com o seu trabalho, dizer o que você sabe. Agora, tem outros que dizem que não, que são mestres, tem uma profissão alta, mas eu não acredito nessa história, não, meu colega, eu sei que é o Reisado, e aqui, outra história, tem um que é de primeira, não, não tem não, o Reisado é só de um jeito, e não tem o maior verdadeiro, tem umas duas vezes, uma voz maior, uma, de repente, mais avançada, e outras, de repente, mais curta, mas isso não é por causa de ser ruim, não, é porque é um problema que todo mundo não pode ser de um jeito só, não é assim? Você é de um jeito, eu já sou de outro, se você chega na minha casa, eu tenho presença, lhe recebo com prazer, e tenho com o que conversar, e já chego em casa de outro, ele é muito amigo, é bom demais, mas ele é caladinho, não sabe dizer nada. E eu, seu Lenildo, sou velho, tenho 86 anos, e trabalhei muito com o Reisado, nunca teve mudança, não. Eu larguei, porque quando foi, mas muito tempo, já na minha idade, eu já casado, o meu pai mora ali, ele tinha uma promessa e tinha tirado dois anos, aí parou, nos dois anos, aí quando deu, vamos dizer, passou este ano, este outro ano, aí a mamãe disse: “olha, meu filho, eu quero que você se ajeite para nós pagar a minha promessa”. “Eu disse, como é?”. Disse: “não, como é que nós vamos pagar este ano, com agora, ano verão?”. “Aí a mamãe, pois é o seguinte, eu não quero mais trabalhar em Reisado, porque é muito cansável, estou já um parceiro de idade, mas, a senhora, pode conseguir o Reisado e que eu





pago o mandador, quem paga é eu, que era eu que ia mandar para você, que eu estou assim, meio mole, mas pago eu mesmo, pode ficar tranquilo, porque as despesas dele são minhas". "Eu não quero, se você não puder ir, abandone o Reisado, deixa, nós não continua. E eu digo: " ai é desse jeito?". "É, para mandar o Reisado, é você que vai mandar, meu amigo". Aí pronto, pode tocar para frente, aí tocando para frente, ela arrumou os componentes, tudo, e nessa época, eu era o mandador, o Antônio dos Santos, meu irmão, era o tocador, e nessa época, quem mais tocava era o Retalo, ali do outro lado, que era meu irmão e tocava também, e o Raimundo dos Santos, mentira, o cantador, o papai era o careta, e nós era quase uma equipe completa de Reisado, tinha o careta do resto, tinha o careta, era só uma, e fazia, arrumava duas e saía três, e aí o tocador e eu mandando, trabalhei muito, trabalhei muito, muito, muito mesmo.

Lenildo - Antes de você, seu pai, seu avô, seu pai você já diz, sua mãe pagadora de promessas, seu avô também trabalhava com Reisada?

Sr. Joaquim dos Santos - Não, ele era um componente só de ali, como lá o Reisado era a casa dele.

Lenildo - Ah, só de receber, né?

Sr. Joaquim dos Santos - É, gratificava bem, era com uma janta, um café, e o povo vinha, fazia assistência, chegava de tarde cedo, todo mundo de tardezinha, fazia barraca ali, e ele já estava sabendo, o Reisado já chegou. É que meu avô era muito bom para nós, que eu era menino, e nós gostávamos de folia, e tinha um parceiro que era tocador aqui na Boa Hora, antigamente, um cidadão por nome Antônio Prudêncio, era da família do compadre Otírio, que era tio dele, e ele tocava, e ele tinha um morador ali para Chapada, e o morador fazia parte da tocada do homem de lá. Quando ele ia tocar na festa, passava primeiro lá, que era um componente da caminhada, e eles chegavam cedo, e ele tocava lá, era a moniquinha daquelas pequenas, e começava a tocar, e nós tocávamos aqui dentro da Chapada, uma parte, pulávamos moita dessa altura. Aí o véi disse: "meu filho, eu vou chamar o Antônio Prudêncio para vir passar o dia mais vocês tocando, só para vocês verem. Se quiser, ele dança a dança, se não quiser, mas é de dia". Aí falou com ele, o cabra deu o preço, ele disse, pois pronto, acertou o dia. Aí o vei disse assim: "eu quero que você chegue lá em casa às cinco horas da manhã tocando a valsa". E o cabra morava na Boa Hora, aí quando chegou bem neste beco, ele abriu a bechinha, botou uma frente e saiu. Nessa história, a casa era ali, tocando a valsa, o barroco, bem na porta, e o vei estava esperando. Esperando e disse: "pronto, já cheguei!". "Pois estamos em casa". Aí foi um dia todo de tocar, nós achava bom tocar, demais! ave maria! E essas coisas assim. E na minha família, vem de meu avô, era um cidadão, dono daqui deste lugar, e era acreditado, era gente de valor, conhecido, antigamente quando ele era novo, já foi delegado daqui da região, e isso tudo foi coisa que passou, aqui no nosso setor. Este setor aqui é nosso, nós temos.

Lenildo - Me diga uma coisa, qual foi a primeira vez que você, qual foi o ano, você lembra o ano, a primeira vez que você trabalhou no Reisado, no dia em que o homem lhe chamou lá para você?

Sr. Joaquim dos Santos - Rapaz, eu não tenho muita certeza, mas para mim foi em 47. 47.





Lenildo - O Reisado era do mesmo jeito que tem hoje, tinham os mesmos componentes, careta, cantadeira?

Sr. Joaquim dos Santos - Mesma careta, mesmo cantador, o mesmo estilo, estendei a tolga na porta. Como eu ia lhe dizendo, eu perguntava a história ao vei, e o vei disse: “não, o projeto da Reisada começou porque os três reis, eles moravam em umas terras longe, e no dia que Jesus nasceu, eles foram avisados que nasceu o Salvador, lá no país deles. E eles disseram, nós vamos visitar. Aí passaram na caminhada, que ia para visitar o menino que nasceu para ser o rei do mundo, o Heródio, passaram lá, e disseram, eu quero que vocês vão visitar, quando voltar, passar aqui também, que eu quero visitar ele também. Não era visita, o que ele queria era? Matar. Como matou mieiros e mieiros de menino, sem saber, ele matou mieiros e mieiros de menino, sem saber quem era ele, porque ele foi avisado pelo anjo, para o São José se juntar mais à mãe, partir para outro país enquanto ele existia, e só vim de lá quando ele morreu. E lá de onde eles foram, o São José se estacionou, mas ela e o menino, quando foi para eles virem embora para a terra deles, que era com Nazaré, foram avisados. O homem morreu, pode vir. E por esta história, estes homens receberam, fizeram essa história da reisada”. A reisada comum, a reisada era cantar, só cantar. Só cantar, não tinha boi, não tinha nada. E eles cantavam só, só as três pessoas, catolda, chegava, xingia na porta, e o parceiro se levantava. Quando vinha, já trazia a recompensazinha da ajuda, que se chama de esmola, dava, ele recebia a esmola, eles a recebiam e agradeciam, e tornava a botar o paninho para mudar a porta da casa.

Lenildo - Ali já estava acabado aquela visita naquela casa?

Sr. Joaquim dos Santos - Estava, estava acabado. E seguia em frente, até o dia que clarear. Isto na primeira noite. Quando deu, que era só três noites, era só três noites. Quando foi para mudar para as duas noites, nas primeiras casas que eles começaram, diz que já viram, estenderam a poça, viram o abacé aqui atrás deles. Era pintura, era para eles perder. O ritmo da promessa. Exatamente essa fita que os caretas fazem. Chega sapateando na porta, gritando que diz. Gritando sério. É, pá, pá, pá. Os tiradores deles, nas promessas, no início do reisado, projetou com essa razão. Aí eles não se importaram com zoada deles. Continuaram, continuaram. E, por essa razão, ficou na companhia do reisado o careta para fazer barulho. Aí vem evoluindo, aí mudou, mudou. Aí projetaram o boi, um compromisso a mais. O boi tinha a burrinha. A burrinha era da companhia também do reisado. De modo que o meu entendimento, foi esse, nesse tempo. Mas, nesse tempo, meu amigo, era bom. O reisado era calmo, era pés.

Lenildo - Era pés?

Sr. Joaquim dos Santos - É, todo tempo a pés. Ia longe.

Lenildo - Nas casas tinha muita gente acompanhando como hoje em dia?

Sr. Joaquim dos Santos - Tinha muita gente. Até com chuva iam. A pés. Ia aquela fila mostra. Nessa beira de rio ali, nós trabalhávamos para lá. Era chuva pesada. Inverno pesado do jeito desse ano. E, se nós estávamos na casa, ficava molhadinho igualmente





pinto. Mas, quando terminava, só tocava para frente, até o dia do clarear. Não tinha exigência, ninguém se maldizia. Era uma trabalhada que o Cabra estava fazendo, vamos dizer, sentido assim. Era uma disposição, sem ter reclamo. Por quê? Porque nós estávamos ajudando o seu fulano, que foi beneficiado no projeto que ele pediu. Ele se achou numa crise, e foi valido. Então, a gente tem que ajudar. Porque hoje era para ser também hoje desse jeito ainda. Se você tirasse um reisado, e você falava comigo, eu digo: “não, Lenildo, eu vou te ajudar por 5 mil reais”. Meu Deus do Céu, tu é doido, menino. Isso é uma coisa que é um exagero, meu amigo. É desconforme. Um tocador, 3 mil, 4 mil, um andador, 3 mil. Um mandador, durante um ano, nessas épocas nossas, ele não sabia nem quanto era 500 mil, que era a metade de mil hoje. Ele não sabia nem tanto. E ele era 200, 100 reais, 60, 80, uma trabalhada. O maior, o mais pesado, era 80 reais. E a 90. Os mais pitênicos, o mandador e careta, o mandador era 60. Era 40. Era assim. Não era exagerado de jeito nenhum, mas hoje está assim.

Lenildo - O senhor falou que você já ajudou a pagar a promessa da sua mãe, mas você mesmo já tirou promessa?

Sr. Joaquim dos Santos - Eu não. Fiz uma para o papai. O papai foi se operar de próstata, não se operou, e eu me pedi com o Santo Reis que ele ficasse não se operou, mas ficasse com vida na hora que ele ainda passou uns anos mais novos. E aí eu ia tirar um ano de reisado para a compensar da estadia dele, porque ele ficou sem andar. Mas aí o problema dele é que era para se operar e não se operou de próstata, então ela virou aquela história dessa doença complicada que eu te falo hoje. E ele terminou morrendo, mas eu ainda tirei um ano fazendo esta promessa para ele, para o papai. Só um ano.

Lenildo - Você trabalhou muitos anos de reisada de mandador, né? As suas mandações. Você falava de que na mandação? Quando vai mandando, fala de que?

Sr. Joaquim dos Santos - O ritmo da mandação não é como a de hoje, porque o ritmo de mandação era o seguinte, e eu as minhas partes, quando eu mandava o boi levantar, dava aquela caminhada e eu começava assim, já entrei de mar adentro fui brigar com o tubarão, fui o tube da baleia, fui o cupim do leão, peixe d'água não me vence, pedirá cabra do chão. E assim por diante, tinha muitas pronúncias que quando eu era novo eu sabia. E aí, uma época eu fui para lá em Jose de Freitas, uma mulher me chamou e disse: “ei moço, senhora, você tem essas coisas escritas?” Eu disse: “não dona, aqui é por conta do tempo mesmo, do trajente do trabalho, a gente não tem isso nem decorado na cabeça, ela é uma oportunidade que a gente decora quando conseguimos trabalho.” E na época que eu trabalhava era as extensões de caminhada, às vezes tirar em oito casas, nove, às vezes tinha dez, quando as casas eram mais perto eram dez, e hoje não é mais desse jeito, acaba se não tirar em doze, quinze, dezoito, vinte, não está fazendo nada. E justamente por razão deles seguir essa caminhada, tem razão, porque se ele não fizer esforço, ele não confere com os parceiros na época de pagamento. Hoje eles não estão amarrados no pagamento, hoje nem têm consideração mais a ninguém achar que você um parceiro amigo, no meu caso, se você tem uma promessa e você não faz só, se você me chama para eu lhe ajudar, o que eu tenho que fazer é fazer todos os meios de você me pagar um preço desabitante para eu ir embora na frente. Eu lá estou me importando com você que fica atrás? Não, nunca tive esse coração,





meu coração era desse jeito, era normal. Eu tinha que ajudar o meu componente de uma maneira que ele fique vivo, não que eu vou acabar com o recurso dele ou acabar com o projeto dele para me engrandecer. Não, para mim essa história é negativa.

Lenildo - E nesse termo de organizar a promessa, como era a preparação? Você fazia a promessa e se preparava com alimentação, chamava o vizinho, como é que era?

Sr. Joaquim dos Santos - Aqui na casa do meu pai, ele tirava a promessa dele no dia da festa, no dia do ensaio do boi, como é que se chama a história? de tarde, vinha muita gente e daí começava. É que ele tinha os aceitos de fazer a despesa, o velho meu pai. Matava um porco, o dia de São Silvestre, para dar de comer os trabalhadores, e alguém que chegasse participava também. Agora, a reunião maior, mais vantajosa era no dia 6. Era de comer muito. Era isso mesmo. E o dia que eu fui e estava pagando essa promessa para o papai, era nessa outra casa bem aqui, aí ele veio, se sentou numa cadeira ali, mas ele não caminhava, a gente trouxe ele e sentou. Aí, quando foi para ele se ir embora, disse assim: “eu quero ir embora”. Ah, meu filho, deixa ele ali com o papai em casa”. Ele foi e nós tiramos o reisado e o meu tio, que era irmão dele do papai, estava em crise, assim, doente. Aí, antes de matar o boi aqui, o mandador aqui não foi eu, foi o Raimundo Pedro, o Raimundo Pedro Teador. Foi ele que mandou para mim. Aí eu digo, rapaz, aí chegou um parceiro disse: “eu vim aqui dizer que o Raimundo, ele morava lá, onde mora a dona, a mulherzinha do Raimundo. E o Raimundo Santos morreu”. “Rapaz, que conversa é essa menino?” Disse que morreu. Aí estava o povo tudo reunido, mas nós tínhamos terminado de matar o boi. Estava-se reunindo no lado das mesas. Aí desbandeirou tudo, meu amigo. Eu fui embora lá para lá, porque o Raimundo era meu companheiro da época de Reisado, e trabalhávamos muito juntos, e era meu tio. Aí eu fui lá, deixei tudo aqui. O que eu fiz? O dinheiro que era dos trabalhadores que tinha tirado na sorte do boi aqui, eu peguei e entreguei daquela mulher ali. O dinheiro dos homens, bota lá no lugar do Reisado, da noite, que é para pagar os homens bem cedo. Quando eu vou lá, o homem teve uma mudança, mas não morreu. Cheguei lá e estava vivo. Falei, mas, rapaz, como é que tem isso, rapaz? Aí eu ainda dei assistência ali por pouco tempo e voltei. Peguei e procurei ela. Eu disse: “cadê o dinheiro dos homens? que é para pagar os homens bem cedo”. Ela disse: “Eu não sei, não”. “Mas, rapaz, não diga essa história minha irmã.” Eu não sei, é um destino. Minha virgem, Nossa Senhora. Aonde é que eu vou esbarrar? Meu Deus! Aí eu fiquei imaginando e com a preocupação que eu sempre, quando eu me aperreio muito nisso, eu sempre gosto de dizer: “ah, meu Pai do céu, ore me vala pelo vosso grande amor.” Aí, rapaz, eu vou. Aí muita gente ainda na casa. Chego na mesa lá dentro, estava o saco em cima da mesa aqui com o dinheiro. Eu pego aquele saco e peguei, aí é o dinheiro dos homens. Aí eu peguei o dinheiro devagarzinho, de escondido lá dentro. Aí eu digo: “mulher, cadê o dinheiro?” Ela diz: “eu não sei, não”. Eu digo: “rapaz, eu não te entreguei, minha irmã. É meu amigo. Mas, com a graça de Deus, ninguém pegou.” Estava em cima da mesa, do salão, eu caçando, mesmo já caçando, alvoroçado, o dinheiro estava dentro do saco, todo em cima da mesa. Nunca achou um parceiro que pegasse e levasse. Eu digo, meu Pai do céu, meu Deus. Aí pronto. E aí o homem lá fez uma mudança, mas não morreu neste dia não.

Lenildo - Tem lugares, até no Piauí, que não tem boi no reisado. Eu lembro de uma apresentação aqui na praça, tinha uns reisados de outro lugar que não tinha boi. Você sabe





o que o boi tem aqui no da Boa Hora, como foi que entrou? Ou sempre você conhecia, ou já tinha boi mesmo?

Sr. Joaquim dos Santos - Quando eu conheci, já tinha boi. Eu só sabia dessa história que eu lhe falei, dos três reis dos orientes, foi história do meu avô. Ele era adulto, mais velho que eu, e ele contava a história que começou o reisado por essa visão de promessa de alguém que visitou Jesus Cristo salvador, e foi quem se apegaram com ele para resolver essa promessa. Os três reis do oriente.

Lenildo - Você tem algum filho, neto, que trabalha com reisado?

Sr. Joaquim dos Santos - Dos meus netos, eu vejo dizer que tem um que trabalha, que é filho do José, mas eu não conheço o trabalho do rapaz, não. Mas o povo conta para mim aqui que ele trabalha. Ninguém puxou para mim, mas estão dizendo que esse rapaz, meu neto, em área do reisado, entende de todo o caminho, tanto no palhaço como na mandação. Agora me contaram, muitas vezes. Agora, essa assentiva que eu tenho para dizer, já começou do tempo do Boi. Porque antigamente, esses dois parceiros, esses três parceiros que eu falei para você, que era o Norberto Lopes na Boa Hora, o Luiz Sérgio era para ali, o Raimundo Gena para aculá. Eles tinham até uma visão do Boi de junho. O Boi de junho é o Boi também, mas a assentiva da trabalhada é diferente dessa do mês de janeiro. Eu era menino, ainda via os homens trabalhando com o Boi de junho. Ainda hoje continua essa história, ainda tem ela.

Lenildo - O que você acha diferente da sua época para o Reisado de agora? O que você acha mais diferente?

Sr. Joaquim dos Santos - Por enquanto, a evolução do Reisado de hoje é porque cresceu mais, ficou mais produtivo, mais comentada, mais avaliada pelos governadores.

Lenildo - Você já foi no festival que faz na Prefeitura? Você já foi assistir a algum? Fui. O que você acha do festival? Você acha que isso ajudou o Reisado ou atrapalhou um pouco?

Sr. Joaquim dos Santos - Ajudou muito. Exatamente nesse setor que estou falando. Se por acaso fosse um povo concorrente com o seu país, facilitava um tirador de promessa. Mas, não. Hoje, os que trabalham não concordam com promessas. Eles estão concorrendo com a pessoa deles. Não. Porque, você vê bem, o trabalho tem que ser uma coisa normal. Exagerado continua, porque tem que ir em frente, mas não é muito comum como sendo comportado. Comportado por quê? Com o trabalho, comportado pelo trabalho, com os preços mais ou menos que o cidadão paga com facilidade, com uma finalidade dentro do trabalho. Se vou trabalhar para o Reisado, vou fazer de todos os meios mesmo, para não dar trabalho ao meu parceiro, porque ele está me pagando. Tenho é que ajudar, tenho é que cumprimentar mais, dar lá o trabalho. Mas hoje não é assim. Hoje o cabra não está lá se importando com o parceiro do Reisado. Ele vai se importar só com a pessoa dele. Ele acha que é um parceiro que não precisa dessa previsão. Ele não vai se importar com previsão boa para ninguém. Ele se importa com ele. E não é assim. E nós todos somos irmãos, nós todos somos filhos de Deus. E você veja bem, o cabra, em ser cristão, tem que ser comportado com o seu limite, com a sua exposição, exagerado, não tem ruim. Deus, nosso Pai, não quer





exagero com ninguém. Se fosse comporta para as coisas, era para não ter essas crises que tem hoje. Entra em uma casa, arrapa tudo que tem dentro e vai-se embora. Se o dono não botar alguma história, deixa o rei arrumado aí, vai-se embora com tudo. Não tem nada. E, antigamente, a Ave Mariana não era assim, não. As coisas tinham respeito, as coisas eram limitadas, eram mais calmas. Não era alvoroçada como está hoje. Hoje ninguém respeita mais ninguém. Eu tenho este carro aqui, eu passei uma crise grande, meu amigo, crise feroz. Por quê? Porque eu preciso desse carro para viver aqui. E eu não estou muito velho, quer dizer, eu não estou muito brôco, velho estou. Mas dava para eu dirigir, mas eu não pego no carro. Eu não pego no carro por quê, meu amigo? Porque eu vejo um invasor no mundo inteiro. Então, eu vou a Boa Hora bem aqui, minha vizinha, no carro ao menino. Diversas vezes, o menino que trabalha mais eu é novo, ele tem uma estatura mais completa, mais correta, é novo. E se, por acaso, eu andasse no carro e acontecesse uma coisa de mudança, uma pessoa bater no carro, ou eu bater com o carro em alguém: “Há rapaz, tem razão, esse véi andando nesse carro.” isso não faz. Não me deixe andando no carro, aí acaba com a minha física. E eu, meu compadre, meu colega, eu, graças a Deus, nunca fui decepcionado por ninguém, eu nunca fui na justiça por nada, nada, nada. Não, a justiça existe, mas não me conhece. Porque, um dia eu estava aqui, tinha este menino, meu filho, o José, que estava em São Paulo, ele vem todos os anos aí para os reisados, e eu já bebi cachaça também, mas digo para você, que já trabalhei muito em reisado, nunca deixei ninguém no prego por causa de cachaça, nunca decepionei ninguém, e aí ele foi, teve um contato com a mulher dele, o José, na saída da Semana Santa, que estava um banho para ali do lago, e as cachaças foram lá, e veio-se embora, e a mulher disse que não deixou ele entrar na casa dele, e ele empurrou ela lá, e invadiu a casa e entrou para dentro, e ela correu para a casa da mãe dela, dizendo que ele tinha surrado ela. Aí este delegado, veio buscá-lo, lá na casa dele, e eu não sabia, aí eu fui para lá, o menino, esse menino filho do compadre Mané alves, o Francisco, que é um moreninho e mora na beira da estrada, me viu e disse: “tio Joaquim o José foi levado para a cadeia”. “Meu filho o que foi que aconteceu?” Ele disse: “eu não sei”. Aí: “você não quer ir lá, não? Se você quiser ir, eu vou mais você.” Eu digo: “aonde meu filho?” “Lá na Boa Hora.” “Pois vamos, meu filho, lá, para eu ver como é que foi.” Aí eu vou saindo mais o menino, aí montei na minha moto ali, o menino dirigindo, chegamos ali empareados, passando da casa, daquelas outras casas mais de cá, e esse menino levando ele com esse Fontinele. Mais outro companheiro. Aí o menino tamancou isso aqui na moto, e eles iam assim. Aí eu perguntei: “o que foi que tu fez, menino?” Perguntando o caboclo meu filho. Aí esse Fontenele disse: “você vai saber lá na delegacia.” Eu disse: ‘não, não estou falando contigo, não. Estou falando com ele, que esse caboclo é meu filho. Não sei se tu ouviu dizer, eu estou falando com ele. Quando eu falar contigo, é até a hora de se meter. Mas tu fica na tua, eu vou ficar na minha, eu estou falando com ele.” Aí o caboclo não disse nada, disse que esse caboclo é meu filho. “Então pois vamos lá no delegado.” Cheguei lá no delegado, era o Pedro. O Pedro disse: “Vixe, senhor! O preso ainda nem chegou, e o advogado já está aqui.” Aí eu digo: “não, meu colega, não é assim, não. Você está enganado. Eu não sou advogado, eu não sou nada. Nem ler, eu não sei. Eu vim falar com você aqui porque o caboclo que você mandou buscar é meu filho. Ele é meu filho, foi eu que criei aquele bicho. Ele hoje está um pai de família. E ele é desse jeito, não é porque seja filho meu não, é problema dele. Ele está de maior, mas ele faz o que a cabeça dá. Mas eu não vim, não sou advogado que você está dizendo, não. Você nem me conhece. Ele disse: “conheço não, senhor”. “Pois é. Por aí é que eu estou dizendo para você que eu não sou advogado. Eu vim conversar com você sobre essa história do caboclo, que eu não sei o que foi que aconteceu, e ver o entendimento





como é que está. Ele disse: “então espere por ele, e quando os soldados chegam aqui com ele, eu lhe entrego seu filho para ele ir se embora”. Eu disse a ele que não: “eu não vim desmanchar seu compromisso, não. Você não é o delegado daqui da cidade?” “Sou”. “Pois pronto. Eu estou cooperando com sua história. Eu vim dizer para você aqui que ele não matou ninguém, não surrou ninguém, não fez sangue em ninguém. Mas você deixa ele guardado aí, é o adio que eu dou para o senhor fazer. E quando der umas quatro horas da tarde, você chama ele para fora, dá uns parecer a ele e solta ele se embora, porque ele não não matou ninguém, não. Ele não fez sangue em ninguém, fez problema, fez porra aqui da mulher dele, deixou aqui, ele saiu misturado”. Aí o... “Pois pronto. Pois pode ficar tranquilo, o seu rapaz eu solto.” Olha, meu colega, eu sou um parceiro de idade, nunca vim na delegacia por nada, nada. Eu não buzo com ninguém, eu não agravo ninguém, meu ritmo é outro, eu vivo de trabalhar, de lutar pela minha vida. Então, meu caminho é esse. E você pode falar, tirar um atestado aqui na região, quem é o Joaquim do Santo aqui? Se tem alguém que diz, eu sei quem é. Então é assim. É assim que eu quero, porque eu sou um homem de idade e quero que isso more mais eu. Morar mais eu esta posição. Meus filhos podem fazer o que quiserem, mas não é com consentimento meu. Eles fazem por que estão de maior, todo mundo em seu caminho, eu não acompanho eles e eles se desembestam. Mas não que seja apoio meu. Então não dou um apoio desses para meus filhos. Nem faço e nem dou esse apoio para eles. Minha vida, meu cidadão, é luta e respeito. Eu sei respeitar, eu sei conversar com meus parceiros. Eu não tenho leitura, eu não sei ler porque o culpado sou eu. Meus pais pelezaram muito meu amigo. Me botou para a cidade. Papai fez tudo que eu aprenderei. Era meio que estar me surrando. Me botou em Barras, eu fui para lá, passei ainda uns quatro meses em Barras. Papai foi me visitar lá, pedi para vir embora. Eu cheguei aqui, eles botavam os professores aqui, mas eu me lembro que a vida era roça. A vida para a gente viver, só tinha vida quem vivia de roça. Eu estive dizendo aqui para a minha neta, falando sobre o colégio, que amanhã, depois da manhã, 21 é amanhã. terça não tem escola, já é feriado. “Minha filha não fica alegre com isso. Se alegre para ir. Para a pessoa que sabe as coisas, vale muito a pena. Hoje, no início, eu me sinto muito fracassado com essa história, porque eu não tenho a leitura, meu irmão. Mas não são meus pais que são culpados. Foi só eu. Eu não sei se é um dom, que eu nasci com ele, ou é uma falta de compreensão. Porque esses são dois caminhos que atingem o parceiro. Tem um dom e a falta de compreensão. E a compreensão é uma fonte que ajuda muito o parceiro em compreender as coisas, em saber.

Lenildo - Você acha que o povo da Boa Hora hoje gosta muito de reisado? O povo de hoje?

Sr. Joaquim dos Santos - É uma fonte muito garantida nessa terra, do maior para o pequeno. Hoje, o que não gosta de reisado é só mesmo falhado, falhado no meio, do local. É espaçoso, longe de um para o outro. O que não participa de botar reisados, dar cobertura, ajudar, acompanhar. Porque eu, pelo menos, digo para você o seguinte, se o reisado passar dez reisados na nossa casa, eu não pago bem, porque eu não tenho recurso. Mas todos eles a recebem. Com muito prazer e ajuda, eu sempre dou. R\$200, R\$150, não dou menos do que isso. R\$150 para a brincadeira de boi, R\$50 é a esmola que nós damos de Santos Reis, e R\$50 para três caretas. Este menino, que é meu sobrinho, tirou um reisado dele para ele, eu dei R\$200 para ele, no reisado dele, dei R\$50 para os caretas, e R\$50 para a esmola de Santos Reis, para entregar a tolda que está aqui, a esmola de Santos Reis. Por que eu digo para você que eu faço isso? Porque eu vim de longe, e eu agradeço muito. Quando eu andei, o povo cooperava bem, tinha muita comunicação, o povo recebia a gente com muito gosto,





e eu, ainda hoje, isso me recorda, parece que estou vendo hoje essa minha trabalhada, que eu trabalhei. E, por essa razão, não chega ninguém aqui com reisado que eu diga: “não, pode se ir embora, que eu não quero.” Nenhum, nenhum. Se vier cinco para cá, dez para cá, de dizer para você que eu pago bem, pago, não. O meu acarício de inverno é meio fraco, é só mesmo de aposentoria, mas recebo com muito prazer, dou assistência, está aqui a nossa casa, não tem crise, não. E, de modo que, meu amigo veio, toda vida foi isso. O meu pai era desse jeito, o veio, meu pai, José da Silva Santos, morava ali na casa, e ele era desse jeito. E ele foi-se embora, já foram-se embora meus irmãos, o veio Paulo foi-se embora, Antônio dos Santos, que era tocador, foi-se embora, e, de modo que, de homem, só tem eu e outro.

Lenildo - Você acha que o reisado deveria ser ensinado na escola? Hoje em dia, todo mundo vai para a escola, as crianças, no seu tempo, era mais complicado as coisas, os meninos achavam que mais era a roça, mas hoje você acha que deveria ter um ensinamento também de falar de reisado na escola?

Sr. Joaquim dos Santos - É, porque, no meu caso, é uma posição, assim, Lenildo, uma posição que a reisada cresceu muito, cresceu, e ela era mais moderna, e ela mudou, mas, no caso, o incentivado por professor, por autoridade, ela não é muito garantida como aquela que o cabra traz o dom. Porque, eu quero dizer para você, eu não tenho leitura, mas eu entendo, tudo enquanto, é por o dom que o cabra nasceu. Se ele nasceu para ser da roça e não tem outra função, ele dê valor, ele só quer a roça, para ele a vida é roça. Como no meu caso. Eu fui um dos homenageados com essa história que o Paulo está falando. Na hora que eu sabia que meus pais, minhas irmãs, meus primos, todos eles têm um pouco, e só eu que fiquei sem participar, aí, na meia hora, eu volto para casa. Então, que me valer de Deus que o culpado fui eu. Eu não sei se é porque era para ser assim ou era uma parceria eu ficar pequeno, porque quem sabe bem ler é mais gaúdo que eu. Mas, em todos os casos, se, por acaso, eu for conversar com um parceiro que eu conheço bem de leitura, não dá tantos pontos que eu vou mais lendo sem saber ler. A profissão que vem por o dom do nascimento do parceiro é gaúda. E essa ensinada é como o ensinamento do colégio, da leitura. Tem muita gente que não dá para a leitura, mesmo ensinada, ainda não dá. Mas tem outros que nem que você não ensine bem, mas ele já dá para o ponto dele. Ele já vai-se embora fazendo caminho. Nem você, que é o professor, você admira. É assim? Até a história que eu falei, isso é dom. Acaba que tem um dom, meu amigo. No meu caso, eu não tinha como mandar boi. E o Caboclo foi incentivado. O Caboclo quem mandou incentivou, ele não existe mais, era o João Chiquinha, a banda da Flávia. E ele falou. E aí ele incentivou e foi um dom que eu recebi. Este dom de mandação de boi valeu a pena para mim. Eu trabalhei muito, ajudei alguém. Teve gente que eu ajudei e que não me pagou nada, nada, nem um centavo. Teve um que nós trabalhamos para ele, era cidadão por nome Sula. O Sula era do povo do Bandurra. E ele morava aqui na Boa Hora. E ele tinha uma promessa para pagar e eu fui trabalhar para ele. Para nós comer lá na casa dele, tinha dia que era preciso nós ir para o pilão pisar o arroz. Era eu e três companheiros mais. Eles botavam o arroz e nós tocávamos no pilão. Não era com o arroz que hoje não precisa pisar arroz, tem arroz para vender. De modo, meu amigo, era assim as coisas.

Lenildo - Pois, Sr. Joaquim, a gente quer agradecer a você pelas informações que deu para nós. São muito valiosas informações que talvez só você tem e outras pessoas não têm e que vão ser muito importantes para o nosso trabalho. Agradecer a você por essa contribuição.





PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Sr. Joaquim dos Santos - Estou aqui a suas ordens porque eu também digo para você o seguinte, eu sou de uma família de gente que sabe que recebe quem procura com finalidade e com presença.

